

Caderno de poesias II

Irene Severina Rezende¹

METRÔ

da cidade escolho os trens
pelo eco e
pelo brilho dos olhos
dos de dentro,
que com instantes de sagrada solidão
desenrolam romances
de infinitos...
Com sonhos desmedidos
do existir a qualquer medida
pobremente só, vêm
do morro,
do Cristo,
do mar
na surdez de passos...
à noite
estendo-me a respirar
fundas vontades de supetão

Espanto o desleixo e o mofo
dos pensamentos

Ao dia optei pela indiferença

peguei do bastidor e
não adulei o gato

FIDELIDADE

Que venha o poente e
traga você em suas asas
na quinta-feira sou ninguém

ecoarei pedaços de espera
temas uníssonos,
rolarão de mim:
sua amor, que sou peão!,

dos mais apaixonado
sou seu rei, seu braço, seu esteio
sem alcançar sentido.

Terra de ninguém
sem transe
em trajetória de mosca

nessa urgência de relações imediatas
meu nome,
em fases
que nunca encontrei,
sou cada uma delas,
no fim mudo a letra
-muda a voz-

MEMÓRIA

abridor de caminhos,
cravou na fachada:
1950,
dignidade de data antiga,
conservada em naftalina
rosto de um tempo, ela me altera:
deslocada do passado,
lhe contemplo: 1950
entre o período e a palavra
o hoje inexistente.
Memória mais malhada
nela o passado respira
à sombra dos coronéis
feito onças
que ancoraram em nossas margens,
projetada no último Maia
homem fazendeiro
constrói pontes
de ignorância
em sua travessia
o carro de bois passa, e

nos olhos dos bois um povo mingado.

Costuro o tempo presente

1950 não me conforta,

é antepassado confluindo em mim,

a me confirmar

a vida derivada vai longe encantar,

esvaindo dentre todas

as portas do mundo

CANTO

aquilo que sempre fui:

“Baú feito de itaúba preta,
de flores insignificantes;

Pilão de monjolo
onde não trafega canoa;

sucuri do boiadeiro
que vomita na correnteza;

Pé descalço, roupa branca,
entre trilhas, sofro de ajustes;

Curvada sob o peso da mata
sou fácil de assustar;

Palavras me caem e
espirro cores de Abril;

Sem ordem,
sou tropa batida,

- Não é tropa, é eleitor”

SEU PERFUME

minha anágua ainda respira
o mundo do sertão,
bagaços da pindaíba
flutuam pela minha lembrança
sem muita elegância;

uma lua indecisa,
passeia pela serra;
seu amor, ausente
perturba minha lembrança
queima-me,
como prolongamento

procuro pelas horas
encontro gafanhotos mortos
misturo batom ao seu cheiro
que meu aposento inda respira

seu amor, agasalhou
meus gestos
e dilatou-se em explicações,

mas sua camisa xadrez
nunca me atraiu.

NO MATO GROSSO

Carro não cabe
Cavalo pisa a lama
Comitiva avança
Bois na água.

O grito do peão
atravessa o rio a nado
cantoria galopa e salta
na espora de ferro batido

A vitória-régia
flor de uma parte só
parte o sol
a duas braças de entrar
a noite.

Andorinha migrou
frio chegou no norte
e nas pontas das almas
bicho-de-pau é ambiente
Curupira, tem não
é espetáculo na mente do vaqueiro

DE COR

Olho o horizonte
são restos de cores que se descolaram do meu ser
hoje sou cinza
cedi-lhe minhas cores pra eternizar a beleza

a existência aventurei de navegantes,
a remo, colhi cada devaneio
caí em erros e entre nós se abriu lacuna
não aceitei seu amor
no pôr-da-noite.

sem razão aparente
me deixo levar pelo azul
que aponta pra um horizonte
desmaiado de beleza;

Em sabor desagradável,
você -inteiro- turva meu entardecer
como relíquia incrustada pra sempre
em meu olhar,
falso que nem espelho...

mas no pasto
a urutau, mãe da lua,
ainda repica
os lamentos dos bororos

ANOS DE

Você é da fazenda?
paternalista refinado:
-não, minha filha,
a fazenda é que é minha!

a moça da cidade enxergou em razão:
50 anos estudei só os mapas,
dentro, e do sertão;
sobre o mar nunca pisei,
se castelos de serras adornam meu sítio?:
se é no açafraão-da-terra
que espalho minhas lembranças?;
se passei a vida na capoeira
a marchar com os ventos?;
se carreguei sonhos na cabaça e
na sabedoria do mato?;
se meu espírito se entrega ao presente?
e vagueia deserto
e vagueia desperto
e sabe
que o encontro com o mundo
pode ser por episódios neutros.

SONHOS

Caminho das garças
Caminhos de gerações
Pra uma que,
reinarão mil outras
imutáveis

em novos ritmos
apresentadas ao ar livre,
do luar

Num tempo afora do lugar
repicando cantos miúdos
ainda cobrirão nossos céus
as garças e os sonhos...

Quanto aos cantos de todas
as aves
ouvirás os restos de sopros
expandirem-se
nas orelhas de todo poeta

PESCARIA NO MATO

cismeí de ver a mãe d'água brotando
no batedor
demorei um tantin;
a nos espiar as sombras e os passos,
uma baita duma onça
mudei o anzol entre dois sois
Lameei nos prados meu grão de espera
O texto da roça é sempre demorado
oculta o susto da cilada

À cidade seus demônios e seus artistas
- O amanhecer pro sertão -
descuidado nas margens,
no umbigo da noite,
o entardecer põe barulho de garças
nas barrancas do rio,
vem somar a agudeza da sereia
em hora aberta,
é por onde a vida é ou vida...

pensamento se refaz em dois anis:
enquanto se pode viver sempre
do lado que não se espera,
respiro a dança das últimas águas.

¹ Mestre e doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo).